

# Supermercados do Rio não alteram preços

Além da alta dos cartões, estabelecimentos vão suportar custos mais altos dos tíquetes-alimentação

Ledice Araujo e Luciano Dias

• Os supermercados do Rio ainda não sabem como reagir diante da alta dos juros determinada pelo Banco Central. Com a concorrência acirrada, a estratégia da maioria é não mexer nas taxas nem nos preços. Mas isso não deve durar muito tempo. O Carrefour, apesar de manter as promoções da primeira semana do mês, fez ajustes no cartão da rede. Os juros *pro rata*, que eram de 3,5%, passaram para 5,5% ao mês. No crediário, a taxa subiu de 6% para 8%. O Rainha segue o grupo francês e também estuda mudanças no seu cartão próprio. Os juros, atualmente de 4%, devem subir para 6%.

— Teremos que fazer a revisão esta semana — admitiu Francisco Esteves, diretor da Rainha.

## Supermercados reclamam dos tíquetes-alimentação

O Continente também manteve ontem os juros em 4% ao mês. Segundo funcionários, a mudança também já está sendo estudada e a taxa poderá ficar entre 5,5% e 6%. O Freeway e a Sendas, que cobram 4%, ainda não decidi-

| AS NOVAS TAXAS                |          |         |
|-------------------------------|----------|---------|
| Dos cartões dos supermercados |          |         |
| Empresa                       | Anterior | Nova    |
| Carrefour ( <i>pro rata</i> ) | 3,5%     | 5,5%    |
| Continente*                   | 4%       | 5,5%/6% |
| Sendas                        | 4%       | Mantida |
| Freeway by Extra              | 4%       | Mantida |
| Rainha*                       | 4%       | 5,5%/6% |
| Das factorings                |          |         |
| Empresa                       | Anterior | Nova    |
| Média do setor                | 4,15%    | 4,96%   |
| Banco do Brasil               | 3%       | 5,30%   |

FONTE: Empresas e Anfac - \*A taxa muda até o dia 10

ram as mudanças. Além dos cartões, os supermercados também suportarão o custo maior dos tíquetes-alimentação; que passaram a ser aceitos pela maioria das empresas como um atrativo para aumentar as vendas, que estão em queda de 4,5% no Rio.

— Passamos a receber os tíquetes há pouco tempo e sentimos uma procura maior nas lojas. Mas recebemos o dinheiro em 15 dias. É um custo a mais que temos que absorver nesta época de fuga de fregueses — reclamou.

Enquanto disputam as promoções para conquistar os clientes das compras de mês, os supermercados aguardam as novas tabelas dos fornecedores. As indústrias negociam pagamentos em 14, 21 ou 28 dias, cobrando taxas entre 2% e 3%. Se seguirem a elevação das taxas oficiais, os juros podem chegar a 4,5%, segundo o diretor do Rainha.

— Se as taxas das indústrias subirem, o repasse será inevitável. As empresas sonham com aumento, mas no dia seguinte têm

que voltar atrás — diz Esteves.

O presidente da Associação dos Supermercados do Rio, Aylton Fornari, torce para que as taxas mais altas durem pouco tempo. Se a medida for mesmo temporária, ele acredita que as indústrias suportarão a fase e não alterarão as tabelas. Se os juros altos durarem mais tempo, os fornecedores passarão a ter problemas. Por outro lado, terão de enfrentar a resistência dos supermercados, que enfrentam o problema de queda de vendas.

— Este mês será igual a outubro. O mercado que já estava ruim, vive agora um clima de expectativa — disse Fornari.

## As taxas de factoring cobradas pelos bancos chega a 9%

O comércio está enfrentando altas taxas de juros na hora de trocar os cheques pré-datados. O mercado bancário, que presta o serviço de factoring, vem operando com taxas de até 9%. O Banco do Brasil está operando com índices entre 5,3% e 7%. No mês passado, a média era de 3%. O superintendente do BB no Rio, Sócrates Mendes, não registrou redução na demanda de cheques

pré-datados até o momento.

— Há um grande estoque de cheques pré-datados emitidos antes das mudanças nos juros. Imagino que algumas empresas vão evitar o desconto antecipado para fugir das taxas — disse.

Já as 740 empresas de factoring do país, que estavam com suas operações paralisadas desde a última sexta-feira, voltaram a operar ontem com juros médios de 4,95%. Antes da medida do BC, a taxa variava em torno de 4,15%, segundo a Associação Nacional de Factoring (Anfac). O presidente da entidade, Luiz Lemos Leite, disse que o mercado ficou esperando uma decisão sobre as taxas dos CDBs para voltar a operar.

Leite não acredita em fuga de cliente. Ele prevê justamente o contrário.

— A tendência dos bancos é selecionar ainda mais os seus clientes, e muitos vão querer migrar para as empresas de factoring. Estamos aconselhando o mercado a dar preferência à clientela antiga. Nós trabalhamos com recursos próprios e não podemos ampliar muito a carteira de cliente, sob o risco de perder a qualidade — disse Leite. ■